



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 1, janeiro-junho, 2019, p.30-43
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i1p30-43

JOHN DEWEY E SIDNEY HOOK: O MÉTODO DA INTELIGÊNCIA PARA SE LIDAR COM O SENTIDO TRÁGICO DA REALIDADE

Edna Magalhães do Nascimento

Professora de Filosofia da Educação do CCE – UFPI
magaedna@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo resulta de uma análise sobre a epistemologia na tradição pragmatista, considerando, sobretudo autores que se associam à filosofia deweyana e aos princípios do pragmatismo clássico. Com certeza os pragmatistas do passado como Peirce, James e Dewey deram uma enorme contribuição à discussão sobre uma teoria da verdade em termos contingentes. Autores como Sidney Hook, Hilary Putnam, Willard Van Omar Quine, Richard Rorty apresentaram ao público muitas questões sobre os problemas do conhecimento que guardam proximidade ao pensamento de Dewey. O critério adotado para a análise e comparações entre o pensamento de Dewey e destes autores foi às categorias 'historicismo' e o 'naturalismo'. Temas como externalismo *versus* internalismo, mente *versus* mundo, ciência *versus* não ciência são termos da filosofia dualista que foram substituídos na obra de Dewey por interacionismo, contextualismo, progressivismo, sempre numa perspectiva dialética. Para o propósito deste texto, delimitamos nossa análise no pensamento de Sidney Hook (1902-1989). Este autor adota o conceito deweyano de método da inteligência criadora para explorar filosoficamente o pragmatismo e advogar que, este método possibilitaria melhores condições para se lidar com o sentido trágico da realidade, que em termos rortiano, significa a contingência. Na condição de continuador das ideias de John Dewey, Sidney Hook, acrescentou ao pragmatismo as teses marxistas até então pouco exploradas pelos filósofos desta tradição. Para Hook, o pragmatismo filosófico era uma forma de contrapor-se a todas as especulações de ordem metafísicas, pois diante do sentido trágico da vida, o que podemos fazer é buscar formas solidárias de sociabilidades e não uma realidade última e transcendente.

Palavras-chave: Epistemologia. Naturalismo. Historicismo. Método da Inteligência.

JOHN DEWEY AND SIDNEY HOOK: THE METHOD OF INTELLIGENCE TO DEAL WITH THE TRAGIC SENSE OF REALITY

Abstract: The present study results from an analysis about epistemology in the pragmatist tradition, especially considering authors who are associated with the philosophy of Dewey and the principles of classical pragmatism. Certainly, the pragmatists of the past like Peirce, James, and Dewey have made a tremendous contribution to the discussion of a theory of truth in contingent terms. Authors such as Sidney Hook, Hilary Putnam, Willard Van Omar Quine, Richard Rorty, presented to the public many questions about the problems of knowledge that are close to Dewey's thinking. The criterion adopted for the analysis and comparisons between Dewey's thought and these authors was to the categories of 'historicism' and 'naturalism'. Themes such as externalism *versus* internalism, mind *versus* world, science *versus* non-science are terms of dualistic philosophy that have been replaced in Dewey's work by interactionism, contextualism, progressivism, always in a dialectical perspective. For the purpose of

this text, we delimited our analysis to the thought of Sidney Hook (1902-1989). This author adopts the Deweyan concept of method of creative intelligence to philosophically explore the pragmatism and advocate that this method enables one to deal with the tragic sense of reality, which in Rortyan terms means contingency. As a John Dewey's follower, Sidney Hook added to pragmatism the Marxist theses that until then had been little explored by the philosophers of this tradition. For Hook, philosophical pragmatism was a way of counteracting all metaphysical speculations; for in the face of the tragic sense of life, what we can do is seek forms of solidarity in sociability rather than ultimate and transcendent reality.

Keywords: Epistemology. Naturalism. Historicism. Method of Intelligence.

* * *

Introdução

O pensamento filosófico na atualidade não pode desconhecer o esforço de Dewey quando este descreve o mundo como complexidade, uma mistura de ordem e de desordem, de certeza e incerteza, de trigo e joio, argumentando que o reconhecimento desse fato possui significação fundamental para construir uma epistemologia interacionista que se funda numa abordagem naturalista. Considerando que Dewey é seguidor da tradição filosófica associada ao empirismo inglês e o fato dele ter incorporado à sua filosofia, pelo menos nos anos iniciais de sua vida intelectual, a dialética hegeliana, as junções destas duas referências se somam a uma noção naturalista do conhecimento que tem no darwinismo seu melhor expoente.

Sustentamos que a filosofia de Dewey tem abertura à contingência e às relações causais entre os seres vivos e seu ambiente. Isso nos permite argumentar a favor da consistência da dupla perspectiva naturalista e historicista do pragmatismo deweyano (NASCIMENTO, 2014). Pela perspectiva historicista de sua filosofia, Dewey mostrou a origem dos dualismos da filosofia clássica, argumentando que existem razões históricas e epistemológicas que fizeram com que se valorizassem na tradição ocidental as questões espirituais em detrimento das questões materiais e contingentes. Pela perspectiva cientista, Dewey propõe a reconstrução filosófica através da utilização dos métodos e das produções refinadas das disciplinas científicas.

Por esta perspectiva de inspiração darwinista pode-se confirmar na obra de Dewey que o historicismo e o cientismo¹ são dimensões constitutivas das interações dos organismos vivos com o ambiente. Nessas interações, a dimensão historicista está associada ao aspecto da contingência e, por conta disso, ocorre sem condições de fornecer critérios minimamente objetivos para a elaboração do conhecimento, enquanto que dimensão científica ocorre a partir das regularidades causais observadas na experiência, fornecendo, assim, critérios mais objetivos para a elaboração do conhecimento.

¹ Termo usado para designar a doutrina segundo a qual os métodos das ciências naturais deviam ser usados em todas as áreas de investigação, inclusive na Filosofia, nas Humanidades e ciências sociais.

Ao articular o historicismo e o cientismo, a filosofia deweyana desenvolveu uma espécie de dialética sem síntese, pois a contingência histórica e a lógica da investigação se opõem constantemente, sem propiciar uma solução definitiva para os problemas enfrentados, num sentido sempre progressivo, num contínuo de experiências. Essa abertura dialética possibilita o surgimento de novas situações problemáticas. No desenrolar da experiência, o papel do pensamento humano não é o de representar acuradamente a realidade, nem a consciência é uma entidade doadora de sentido. Assim, a tarefa que cabe à inteligência, na filosofia pragmatista deweyana, é a da resolução de problemas.

Dewey assegurava que para a filosofia lograr êxito devia fazer parte de um projeto maior que consistiria em dissolver as distinções gregas entre aparência e realidade, cuja narrativa tradicional explicava serem mais reais as substâncias e essências em detrimento do complexo, ou seja, das decisões morais, das obras de artes e dos acordos políticos. Dewey seguiu contestando a ideia grega e medieval segundo a qual os seres humanos só poderiam estar a salvo da desesperança no momento em que divisem um reino mais além do espaço e do acaso, um reino de verdades universais. O chamado presente na filosofia de Dewey era o de enfrentar as antigas distinções da filosofia tradicional levando a sério Charles Darwin. O evolucionismo de Dewey é fundamental para explicar que não é possível atribuir nenhuma capacidade aos seres humanos sem levar em consideração um ponto de vista naturalista como produto da evolução. Contudo, Dewey evitou qualquer tentativa reducionista de que a biologia pudesse anular em algum sentido a cultura. Para Dewey [...] “a evolução cultural é a evolução biológica continuada por outros meios” (RORTY, 2000, p. 13).

Portanto, o experimentalismo de Dewey não é cientificista nos moldes de Carnap. Ao contrário, para o filósofo as ciências naturais como modelos não são modelos mais eficazes do que a política e poesia. Não são mais eficazes por estarem em “contato com a realidade”. De sorte que, a acusação de não estar em contato com realidade torna-se uma proposição irreal porque é impossível estar a salvo da contínua interação causal com seu entorno. Um pragmatista não declararia que existe uma posição “meramente subjetiva”, pois o que lhe interessa é se tal proposição é suficientemente útil ou inapropriada para nossas condições atuais.

A preocupação de Dewey não foi fazer uma “metaepistemologia” e restringir a discussão filosófica ao âmbito de uma disciplina. Ao contrário disso, a concepção de conhecimento de Dewey forneceu elementos para a produção de uma filosofia social e política, considerando que o aprendizado da vida coletiva enquanto valor é inestimável para a sociedade democrática; contribuiu para a sistematização de uma concepção educacional baseada nos princípios científicos da descoberta e da problematização, assegurando ao educando a possibilidade de uma formação com autonomia no pensamento; sua concepção ética é contingente e se sustenta nos valores da democracia e da educação; sua concepção de experiência estendeu-se a todos os domínios de pesquisas e contribuiu, sobremaneira, para a compreensão da experiência estética; a crítica à epistemologia clássica inspirou autores como Sidney Hook. Este autor traz uma contribuição importante ao debate pragmatista, uma vez que deu sequência ao pensamento de Dewey em relação à teoria do conhecimento, à filosofia social e política e, na condição de intelectual marxista, pelo menos no início de carreira, analisou a questão dos dualismos da filosofia tradicional na perspectiva da análise classista da sociedade.

A filosofia social de Sidney Hook se articula às noções filosóficas desenvolvidas por Dewey, sobretudo os conceitos de ciência e democracia. Por esta perspectiva as normas da ciência deveriam ser incorporadas à vida democrática. O investigador experimental tem em vista o comportamento democrático, com liberdade de expressão, participação, cooperação, de maneira que, suas pesquisas sirvam como instrumentos de ação do homem no mundo, contribuindo para o desenvolvimento de uma experiência mais qualificada. Portanto, para Dewey e Hook, a mentalidade científica é uma ferramenta para uso social.

O legado desta filosofia seria a de adotar um método que, em primeiro lugar, nos impediria de criar problemas artificiais que desviassem a energia e a atenção dos filósofos dos problemas reais que surgem a partir do objeto atual; em segundo lugar, nos forneceria um meio para conferir ou testar as conclusões da investigação filosófica, fazendo com que os produtos dessa última, enquanto produtos reflexivos secundários retornem à experiência da qual surgiram e, em terceiro lugar, pela observação de como funcionam as subseqüentes experiências, os produtos filosóficos deveriam adquirir valor empírico, ou seja, fornecer contribuições significativas à experiência comum dos homens, em vez de constituírem meras curiosidades, com os devidos rótulos, em algum museu metafísico (DEWEY, 1958)

Com base nestas considerações serão desenvolvidas as teses principais de Sidney Hook num esforço comparativo à filosofia pragmatista de Dewey.

Sidney Hook: Método da inteligência para atenuar o sentido trágico da vida

Sidney Hook (1902-1989) parte de uma concepção de conhecimento que desenvolve a ideia de que somente com base em uma inteligência pragmatista pode-se atenuar o sentido trágico da nossa realidade. A denominação de “trágico”, empregado no sentido metafísico do termo, visa indicar a impossibilidade humana de apreender o sentido total e amplo da existência, restando-lhe, somente a contingência. Em virtude deste sentido trágico resta-nos a centralidade da vida na esfera democrática como direção para a vida complexa e como forma de construção coletiva de soluções para os problemas comuns. Para Mendonça e Reis (2015, p.251), Sidney Hook “ênfaticamente destacou o potencial criativo do humano e a imprevisibilidade de uma história que nunca é integralmente determinada ou previsível”.

Este filósofo certamente foi quem, em seu tempo, compreendeu de maneira mais precisa as ideias do filósofo Dewey. Hook assume o papel intelectual de continuador das ideias de Dewey, especialmente quanto à defesa de uma ciência a serviço da humanidade. Suas ideias políticas e filosóficas obtiveram resistências tanto no campo da direita conservadora quanto da esquerda.

Rorty ao referir-se acerca do contexto da filosofia americana, no começo do século XX, declarou que é difícil ler, John Dewey e Sidney Hook, sem ter a impressão de que aquele era um “um tempo de autênticos gigantes²”. Rorty prossegue afirmando que é difícil encontrar nos filósofos estadunidenses de hoje em dia a amplitude dos escritos e das leituras destes dois homens, além da extraordinária vitalidade de suas mentes³. Assemelham-se à figuras heróicas do

² RORTY, Richard. **El Pragmatismo una Versión**: antiautoritarismo en epistemología y ética. Barcelona, Ariel Filosofía, 2000, p.19.

³ Idem.

século XX, como John Stuart Mill, pela quantidade de trabalho que foram capazes de produzir, pela capacidade de envolverem-se da filosofia abstrata aos assuntos sociais concretos. Assim como Dewey, Hook estava de acordo que muitas críticas dirigidas a Hegel e a Kant estavam certas, ao mesmo tempo, considerava que o pensamento analítico de Frege e Carnap encontravam-se muito inferior ao pensamento de Kant.

Ocorre que somente cinquenta anos depois, os filósofos analíticos passam a rechaçar as noções kantianas que Dewey e Hook já haviam objetado. Estes pensadores já não falam mais em “sensorialmente dado” e nem em “verdades conceituais”, entretanto, seguem mantendo uma atitude bem suspeita em relação ao pragmatismo de Dewey. Rorty esclarece que uma das razões deste comportamento é que a concepção de Dewey se caracterizava como uma veemente crítica social enquanto no seio da filosofia analítica se instituía o “hiperprofissionalismo”, criando um clima bem distinto daquele em que os velhos pragmatistas foram forjados. De sorte que, para os filósofos analíticos pensar a totalidade de um ponto de vista histórico sob a influência de Hegel e Marx já não era considerado um modelo adequado aos professores de filosofia. Mas, ao contrário desta filosofia disciplinar, Dewey confiava que a tarefa da filosofia futura deveria ser as de clarificar as ideias dos homens entendendo-as como lutas sociais e morais de seu tempo⁴.

Para situar o leitor sobre este intelectual será apresentado alguns dados pessoais e biográficos que possibilitam entender melhor e situar Hook no contexto da filosofia americana. Sidney Hook foi filósofo, sociólogo e polemista norte americano, profundamente influenciado por John Dewey, considerado um dos principais divulgadores e propositores dos estudos do marxismo nas universidades americanas. Era considerado uma das vozes mais eloquentes da esquerda nos anos de 1930. Segundo Bagger⁵ sua obra não tem sido valorizada, muito ao contrário, foi negligenciada e, isto se deveu aos seus posicionamentos frente aos formadores de opinião da cena americana. O próprio Hook declarou em sua autobiografia que suas ideias parecem estar em descompasso com o contexto em que se inserem.

O filósofo Sidney Hook nasceu em 20 de dezembro de 1902, na cidade de Nova York. Sua infância foi vivida em Williamsburg, no Brooklyn, bairro ocupado pela classe trabalhadora e por imigrantes, é provável que as suas ideias marcadas pela pluralidade étnica tenham relação com este contexto. Esta consciência está presente na constatação de Hook que para muitos moradores dessa comunidade “a esperança era sustentada por uma fé em que as portas de oportunidade seriam abertas pela educação⁶”.

Em 1916, ingressou na escola *Boys High School*, considerada uma instituição de elite. Através desta escola, Sidney Hook conquistaria sua entrada na *City College de New York*. Gradou-se em Ciências Sociais e Filosofia no período de 1919 a 1923. Influenciado por Morris Raphael Cohen⁷ interessou por filosofia e

⁴ Idem.

⁵ BAGGER, Mathew. C. “**Dewey’s bulldog: Sidney Hook, pragmatism, and naturalism**”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 79, n. 3, 2001, p. 562-86.

⁶ HOOK, Sidney. **Pragmatism and the tragic sense of life**. New York: Basic Books. 1974, p.11.

⁷ Morris Raphael Cohen (1880-1947) nasceu em Minsk, Rússia, e emigrou para os Estados Unidos em 1892. Graduando-se no College de Nova York em 1900, obteve um doutorado em Harvard em

impressionou-se com a metodologia socrática adotada por seu professor, baseadas nos diálogos, no combate aos dogmas, na interrogação, ou seja, no processo “parturiente do conhecimento”. Na condição de professor também passou a adotar o método socrático com seus alunos, bem como nas atividades do debate político.

Quando estava na *City College de New York*, Hook conheceu o trabalho de John Dewey através de um curso ministrado por Harry Overstreet. Neste período ele iniciou o seu doutorado na Universidade de Columbia (1923), ocasião em que pode conhecer Dewey de perto, na condição de aluno do filósofo em uma disciplina sobre lógica. Desde então construíram uma relação de amizade, respeito profissional e admiração mútua. John Dewey escreveu certa vez a George H. Mead, se referindo a Hook com bastante entusiasmo, considerando-o um possível continuador de seu pensamento⁸.

A dedicação de Hook à teoria deweyana fez com que recebesse de seus críticos o apelido de “buldogue de Dewey”. Posteriormente Hook endossou o apelido. Segundo os historiadores a atribuição é para parodiar a referência feita a Thomas Huxley, apologista de Charles Darwin, que ganhou o apelido de “Darwin’s bulldog”. De acordo com Eldridge (2004, p. 131), o inventor do apelido foi o filósofo Victor Lowe, em 1951.

Sidney Hook concluiu seu doutorado em 1927, com tese intitulada *The metaphysics of pragmatism*. Na tese Hook defendeu uma metafísica naturalista, ancorada no método científico. Na linha de seu mestre Dewey, o conceito de método científico está alicerçado em concepções de ética e democracia. Após seu doutoramento, em 1928, Sidney Hook foi para a Alemanha e lá aprofundou seus estudos em Kant, Hegel e nos escritos dos jovens hegelianos. Fiel à tradição pragmatista “acusou o discurso filosófico alemão de ofuscar a compreensão da realidade com suas “verdades eternas”, que acabavam por ter um caráter dogmático⁹”.

Pragmatismo e marxismo

No contexto em que Hook viveu na Alemanha, na condição de americano de origem judaica, viu o crescimento do movimento nacional-socialista, o nazismo, e notava os riscos que um regime democrático corria em virtude da aceitação de grupos e discursos intolerantes. Em 1929, Hook fez uma viagem a União Soviética para se aprofundar no estudo do marxismo. É o próprio Hook quem declara que nesta época estava convencido que a URSS se dedicava ao ideal socialista, e, portanto, falhou por não notar as mazelas do stalinismo¹⁰. Durante os anos 1930, Hook era considerado a principal autoridade americana nos escritos e legados de Karl Marx.

1906. Foi nomeado instrutor em Matemática em Harvard em 1906 antes de transferir ao Departamento da Filosofia em 1912.

⁸ ELDRIDGE, Michael. **Dewey’s bulldog and the eclipse of pragmatism**. In: COTTER, M. J. (org.). *Sidney Hook reconsidered*. New York: Prometheus Books. (2004).

⁹ MENDONÇA e REIS. **Pragmatismo, marxismo e democracia**. Brasília – DF. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 17, maio – agosto de 2015, pp. 250.

¹⁰ HOOK, Sidney. **Out of step an unquiet life in the 20th Century**. New York: Carroll & Graf Publishers, 1987, p.123.

Sidney Hook publicou em 1933, *Towards the Understanding of Karl Marx* [Rumo ao entendimento de Marx], trata-se de um trabalho em que desenvolve os conceitos chaves do marxismo, seus méritos e seus impasses. A partir deste mesmo ano resolveu assumir sua militância partidária e, juntamente com outros homens públicos americanos, como o reverendo Abraham J. Muste, criaram um partido de orientação socialista denominado *American Workers Party*, através do qual tentavam refletir a crise de 1929 e o colapso desta crise para vida dos trabalhadores. Esta experiência não foi exitosa, pois o partido teve duração curta, face aos problemas políticos criados após a junção do *American Workers* com o *Communist League of America* partido de orientação trotskista.

Vale ressaltar que este autor faz uma leitura democrática do marxismo, considerando nas teses sobre a socialização dos meios de produção, a presença de um forte componente democrático. Tendo o pragmatismo como estratégia Hook, acreditava ser possível testar hipóteses de “socialização dos meios de produção” para a consolidação de uma forma de democracia social. Hook ressaltava que o marxismo de Karl Marx está longe da ideologia dos governos totalitários da URSS. Pode-se deduzir que Hook extraiu do marxismo a convicção igualitária socialista que unida à flexibilidade do método científico pragmático, resultou em método inovador de ação e prática democráticas.

Segundo Sidney Hook¹¹, o pragmatismo de deweyano se distingue das abordagens europeias por enfatizar três fatores: “o universo era aberto e assim possibilidades eram reais; o futuro dependia em parte do que os humanos faziam ou deixavam fazer; ideias eram potencialmente planos de ação.” Dewey acredita que só o método da inteligência criadora, isto é, o método científico toma a experiência como uma unidade integrada enquanto ponto de partida para o pensamento filosófico. A unidade entre a ciência e a filosofia possibilitaria, conforme Dewey, a ruptura com as explicações abstratas sobre o eterno e imutável, o verdadeiro ser, e no seu lugar permitirá o surgimento de hipóteses explicativas sobre a experiência real dos homens. O objetivo dele era realizar, no campo da filosofia, pesquisas em prol do desenvolvimento, na esfera dos problemas humanos, na esfera da vida moral, com o mesmo sucesso que lograram os cientistas no campo da indagação científica.

Assim como Dewey e outros intelectuais de sua época Sidney Hook participou da Comissão de Investigação à Verdade dos Julgamentos de Moscou, na qual ofereceram julgamento com direito de ampla defesa a Leon Trotsky e a seu filho. Participou também em 1939 de outros movimentos em defesa dos direitos civis de liberdades, tais como o *American Committee for Cultural Freedom*, cujo objetivo foi de promover a criatividade e a liberdade intelectual nos Estados Unidos.

Publicou, em 1939, o livro *John Dewey: an intellectual portrait*, obra em que relata suas memórias a respeito de seu mestre. Desde o fim dos anos de 1930, Hook iniciou um processo de crítica ao comunismo soviético de base leninista e stalinista, sobretudo, pelo domínio e pelos abusos do Partido Comunista. Segundo autores como Mendonça e Reis¹² a crítica ao comunismo não implicava, contudo, o

¹¹ Cf: **Pragmatism and the tragic sense of life**. In: TALISSE, R. & TEMPIO, R. (orgs.). Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom. New York: Prometheus Books. (2002 [1960]), p. 68.

¹² MENDONÇA e REIS. **Pragmatismo, marxismo e democracia**. Brasília – DF. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 17, maio – agosto de 2015.

endosso do *macarthismo*. Tratava-se de uma oposição ao comunismo de Estado nos moldes soviéticos. Sidney Hook era um defensor da liberdade intelectual de investigação e do desenvolvimento crítico dos indivíduos, de maneira que opunha o próprio marxismo ao comunismo real. Ele defendia que as teses marxistas foram deixadas de lado e o Estado soviético conservou poucas daquelas ideias pensadas por Marx. Entretanto, de um defensor ardoroso do marxismo no início da carreira, revelou-se um representante do conservadorismo americano algum tempo depois. Este aspecto da sua biografia é rebatido por Kohl¹³, pois segundo este autor “somente aqueles que encontram conforto em supersimplificações o chamariam de conservador, mesmo nas últimas décadas de sua vida”.

Nos anos de 1940, assumiu a chefia do Departamento de Filosofia da Universidade de Nova York, cargo que ocupou por mais de vinte anos, de 1948 a 1969. No ano de 1974, lançou o célebre livro filosófico “*Pragmatism and the sense of life*”. Nesta obra o autor defende a metodologia pragmatista como um guia de ação. Resgata especialmente a influência de William James que classificou o pragmatismo como “um senso de orientação”. E de John Dewey, desenvolveu a tese do pensamento operante. A metodologia pragmática seria uma espécie de guia de ação aos indivíduos diante do trágico sentido da vida.

Hook acreditava que o pragmatismo filosófico era uma forma de contrapor-se a todas as especulações de ordem metafísicas, pois diante da constatação de uma condição trágica da vida, o que podemos fazer é buscar formas solidárias de sociabilidades e não uma realidade última e transcendente. É importante ressaltar aqui que as ideias desenvolvidas contemporaneamente por Rorty, no que diz respeito à contingência e a solidariedade guardam aproximações com este legado de Hook. Este filósofo morreu em 1989, em Nova York, deixando o histórico de uma carreira profícua e abrangente, marcada pela independência e pelo descompasso com as ideias dominantes do seu tempo.

Sidney Hook foi um pensador singular porque ousou articular pragmatismo e marxismo. Segundo Mendonça e Reis,

As tradições marxistas e pragmatistas de pensamento político são geralmente pensadas como absolutamente distintas ou, mesmo, mutuamente excludentes. Apesar da aposta de ambas as correntes em alguma noção de práxis humana [...] elas teriam traçado trilhas muito distintas. De modo muito genérico, o marxismo teria seguido um veio fortemente marcado pela análise político-econômica, a qual embasaria críticas contundentes às relações de classe existentes e indicaria caminhos concretos para a superação das opressões. O pragmatismo, por sua vez, teria feito uma aposta no simbólico-situacional, perdendo de vista a dimensão mais estrutural da organização social e, com isso, assumindo uma visada aquiescente e conservadora do mundo tal como ele é¹⁴.

¹³ KOHL, Marvin. Right to life and the use of violence. In: COTTER, M. J. (org.). **Sidney Hook reconsidered**. New York: Prometheus Books, 2004, p. 162.

¹⁴ MENDONÇA e REIS. **Pragmatismo, marxismo e democracia**. Brasília – DF. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 17, maio – agosto de 2015, p 253.

Diferentemente das teses tradicionais de interpretação do pragmatismo e do marxismo, Hook desenvolveu uma compreensão bem distinta. Para ele as duas doutrinas filosóficas têm pontos convergentes quanto à práxis históricas, pois cabe aos homens e mulheres o uso da inteligência e da ação como ferramentas libertadoras das opressões. Para o pragmatismo de Hook uma das nossas principais ferramentas libertadoras nada mais é que o conhecimento científico. Na condição de discípulo de John Dewey, Hook apoia-se na teoria pragmatista que unifica ciência e ação, ciência e democracia. Com base neste princípio busca unir pragmatismo e marxismo. Conforme Mendonça e Reis desta junção ele “sintetizou uma teoria democrática, pautada pelos princípios de igualdade, liberdade e ética, bem como pelas ideias de livre consentimento e discussão¹⁵”.

A teoria pragmatista tem como ênfase a práxis humana para a produção de conhecimento, esta práxis deve ser testada por suas consequências práticas em um mundo contingente e dinâmico. Por esta perspectiva Sidney Hook abraçou o pragmatismo como uma corrente filosófica transformadora que enfrentou o tradicionalismo filosófico nos seguintes pontos: antifundacionismo filosófico com sua recusa à crença em verdades definitivas e apriorísticas; consequencialismo epistemológico, uma preocupação muito mais com os desdobramentos das ações do que com suas origens e causas propriamente ditas; o combate aos determinismos mecanicistas que interpretam o mundo pelas leis da mecânica de causa e efeito; o racionalismo encarnado na evidência de que deve haver um processo criativo humano que é atravessado por uma racionalidade estruturada coletiva e contínua, marcada pelo processo comum de buscar soluções para problemas partilhados, bem como o perspectivismo social e progressivismo político, que são parte desta racionalidade prática, sempre em sentido de aperfeiçoamento e melhoramento¹⁶.

Naturalismo metodológico: o uso da inteligência criadora

Na leitura de Bagger¹⁷, Hook assegurou seu lugar no panteão do pragmatismo ao oferecer à defesa do naturalismo metodológico. Desde sua tese de doutorado, em 1927, ele vinha adotando e defendendo uma concepção metafísica de base naturalista. Sidney Hook reconhecia que a ciência e a lógica na obra de Dewey estão baseadas na metafísica naturalista do livro *Experience and Nature* [Experiência e Natureza]. Dewey desenvolve uma filosofia cuja função é apoiar-se na teoria do comportamento inteligente, ou seja, uma filosofia da experiência que compreende a presença de leis obtidas através da reflexão sobre a realidade circundante, leis essas que são tipicamente humanas e adquiridas no processo evolucionário. Portanto, a lógica, presente na experiência é a da descoberta e esta é condição para a restauração da unidade e da integração em filosofia. Quando Dewey propõe a generalização do método científico a todas as áreas do conhecimento humano, ele reconhece sua origem no comportamento usual do

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

¹⁷ BAGGER, Mathew. C. “**Dewey’s bulldog**: Sidney Hook, pragmatism, and naturalism”. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 79, n. 3, 2001, p. 566.

homem. Esse conhecimento se origina da perplexidade inicial no manejo com a realidade e tem como objetivo a resolução de problemas¹⁸.

Conforme Sidney Hook, a metafísica tradicional foi sempre um esforço para impor um esquema tacanho de valores com o fim de justificar ou minar um conjunto de instituições sociais existentes com a pretensa dedução de encontrar a natureza da realidade. Portanto, em sua crítica à metafísica clássica, Hook argumenta que uma vez partida a casca de qualquer doutrina metafísica, o que aparece não é o conhecimento verificável, mas uma predisposição orientadora. Certamente Hook está abdicando da busca pela objetividade e assimilando o pragmatismo como um sentido de orientação. Esta predisposição orientadora diz respeito à inteligência operando conforme suas condições e limites.

Podemos reconhecer que em virtude do conhecimento humano ser gerado pela experiência, ele sempre estará sujeito à correção, adaptando-se a uma realidade de origem naturalista. Hook, assim como Dewey, defendeu que o conhecimento deve ter um padrão flexível, atento às eventualidades, sendo constituído por um contínuo e rigoroso teste de suas consequências práticas. O método da inteligência se caracteriza por um permanente teste de premissas e hipóteses. Os dois filósofos acreditavam que a expansão do método científico às diversas áreas da nossa vida legará uma sociedade mais preocupada com os valores éticos e políticos. Isto significa que no âmbito da pesquisa científica estão envolvidos valores como os da verdade, da responsabilidade e da aplicação prática. Em virtude do caráter humanista da ciência, os seus testes deveriam ser produzidos coletivamente por uma comunidade de investigadores, inclusive, como defendiam Peirce e Dewey, composta também por cidadãos ordinários envolvidos na tarefa cotidiana de fazer sociedade¹⁹.

O que Dewey e Hook pretendem era a manutenção de um método de investigação como intervenção reflexiva através da ação sobre o complexo problemático de eventos, em que a intervenção seja testada por seus resultados. Certamente para Hook a evidência empírica conquistada por meio do método científico seria o mais confiável meio para o alcance das verdades sobre o mundo da natureza, da sociedade e do humano. Hook explica a adoção do método da inteligência nos seguintes termos:

A demanda inteligente por provas não precisa paralisar os pioneiros da verdade que vislumbram o que pode até ser inimaginável. As ciências em si não exigem confirmação completa ou exata de uma hipótese para começar, mas apenas o suficiente para instituir novas investigações; e a história da ciência é prova suficiente de que a disciplina de seu método, longe de ser uma barreira contra a descoberta de novas verdades, é uma ajuda positiva em adquirí-las. Quanto a decretar o que faz ou pode existir, não há nada no método científico que proíba qualquer coisa de existir. Preocupa-se apenas

¹⁸ NASCIMENTO, Edna M. M do. **Dewey e Rorty**: da metafísica empírica à metafísica da cultura. Teresina: EDUFPI, 2014, p. 151.

¹⁹ TALISSE, Robert B. & TEMPIO, Robert. "Editors' Introduction", em TALISSE, R. & TEMPIO, R. (orgs.). **Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom**. New York: Prometheus Books. 2002, p.17.

com a responsabilidade das afirmações que proclamam a existência de qualquer coisa²⁰ (tradução nossa).

Esta concepção metafísica de Hook se desenvolveu a partir das leituras filosóficas de Dewey. A ideia que ele resgata de sentido trágico remete à explicação naturalista de Dewey segundo a qual a experiência não é proveniente unicamente de uma razão especulativa; a natureza em questão resulta dos fatos, da realidade empírica que se impõe ao pensamento exigindo ser clarificada. O ponto de partida, então, é o que é problemático e o que esse momento resulta em uma situação real determinada. Não se salta dos objetos empíricos e naturais em suas relações para um contexto intelectual e reflexivo. O pensamento e a razão não são entidades dotadas de poderes específicos, consiste de procedimentos empregados sobre aquilo que é confuso e indeterminado em vista do regular e estável. Mas o pensamento é um processo contínuo de reorganização temporal dentro do mundo da experiência, não um salto deste mundo para outros objetos criados para sempre pelo pensamento²¹.

Dewey argumentou que uma metafísica empírica de base naturalista está obrigada a considerar a reflexão como sendo ela mesma um acontecimento natural que se produz dentro da natureza e em virtude de certos *traços* desta. Está obrigada a considerar esses *traços* do pensar da mesma forma que pensamos as inferências da ciência. Os *traços* da reflexão são tão fielmente indicadores de outros *traços*, de outras coisas, como os *traços* dos acontecimentos²². Dificilmente possuiria valor científico uma teoria da natureza, da existência, se negasse, por exemplo, os astros, seus cursos, ou negasse que esses aspectos estão vinculados a outros acontecimentos naturais.

Assim, os mesmos *traços* da existência natural que provocam temores e adorações, a relação do homem primitivo diante da perplexidade do mundo, por exemplo, engendram procedimentos científicos. É óbvio que a investigação científica só alcança objetos refinados mediante uso do método, que aumenta seu domínio sobre a vida, mitiga os acidentes, muda a contingência em favor de uma franquia do pensamento e outros esforços. Ser inteligente experimentalmente é ser consciente da mútua interferência das condições naturais, de suas conexões e relações frente ao que foi erroneamente denominado fixo e imutável.

Portanto, Hook seguindo a trilha de seu mestre explica que o imperativo categórico é o uso da inteligência criadora, para investigar, refletir em conjunto, procurar em cada crise invenções e novos dispositivos que não só tornarão a vida mais completa e rica, mas, sobretudo, a tragédia suportável²³. A ideia de trágico tem a ver com a constatação que o eterno, imutável e o ser dos filósofos não passam de quimeras. Uma coisa absolutamente estável e imutável está fora do alcance do princípio da ação e da reação. De modo tal que não haveria, por essa lógica,

²⁰ TALISSE, R. & TEMPIO, R. (orgs.). **Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom**. New York: Prometheus Books, 2002, pp 227-8.

²¹ DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 61.

²² DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 62.

²³ HOOK, Sidney. **Pragmatism and the tragic sense of life**, in: TALISSE, R. & TEMPIO, R. (orgs.). **Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom**. New York: Prometheus Books., 2002 [1960]. pp. 84-5.

aplicabilidade e possibilidade alguma de usar relações, conexões, ou outros padrões relacionais para compreender tal coisa. Na defesa da inteligência criativa, Hook²⁴ esclarece que a mesma está alimentada pelo choque de perspectivas, fatos e alternativas, deste modo, não seria um método para transformar o trágico em algo leve e tranquilo, ao contrário seria uma forma de levar a sério e profundamente o trágico.

Hook acredita que o método científico é o mais eficiente para o nosso uso, além de ser visto como um dever moral quando nos permite tomar decisões responsáveis. Como efeito, o uso pragmático de uma teoria científica, é seu postulado observável e experimental no qual se buscará encontrar a melhor evidência para a justificação racional e aceitação da teoria. Pode se dizer que Hook extrai a ideia de trágico do contexto em que Dewey enfatiza que, “o motor imóvel grego não passa de um fantasma extraído do medo popular diante do sobrenatural”²⁵.

O mundo descrito tanto por Dewey quanto por Hook é aquele que comporta diversos cenários que constituem uma realidade que é atravessada por problemas, que demandam escolhas, quase sempre de natureza moral. O pragmatismo de Hook oferece não um sentido unívoco para o conhecimento, muito ao contrário, o seu método de antecipação de consequência através do teste de distintas alternativas é o mais eficaz para se lidar com estes problemas morais. Com base nesta teoria pode afirmar que a forma de lidar com o trágico da vida passa a ser viabilizada pela ação racional exercidas no espaço da contingência. Obviamente nossas escolhas são atravessadas por tensões entre valores, normas e regras sociais que geram muito desconforto. “A agonia da escolha”, para Hook, tem um sentido existencial que significa lidar com o que perdemos quando estamos diante das escolhas e de nossas possibilidades.

Hook levanta dilemas éticos para comprovar a necessidade do uso pragmático da razão. Ele escreve que estamos diante de diversas alternativas e devemos escolher o “melhor bom”²⁶. Como escolher diante de algo que apresenta consequências malélicas? Ou como escolher diante de duas alternativas consideradas corretas? Diante dessas situações a decisão precisa ser consciente de maneira que os fatores envolvidos precisam ser refletidos e investigados a partir da contingência em que estes foram engendrados. Quanto mais alternativas e possibilidades mais razoável será a decisão²⁷.

O filósofo acreditava que a ética pode estar assentada na reflexão inteligente. De modo, que com base neste método, a exemplo de Aristóteles, esta inteligência possibilitaria prudência, pois após análise de contextos, meios e fins e possíveis consequências se obteria decisões mais eficazes. Considerando o contexto em que viveu, Hook renunciava a possibilidade de esgotamento moral marcado pelo o que ele denominou de “*The new failure of the nerve*”, uma espécie de “nova falta de

²⁴ HOOK, Sidney. **Conflicts in ways of belief**, In: TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom. New York: Prometheus Books 2002 [1940]. p. 272.

²⁵ DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 66.

²⁶ Este conceito contrasta com a tese utilitarista do “menos ruim” na escolha política.

²⁷ HOOK, Sidney. **Human rights and social justice**, em TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom. New York: Prometheus Books. 2002 [1975], p. 107.

coragem”. Tais perigos são diagnosticados em virtude das crises econômicas profundas do começo do século XX, guerra mundial, o nazifascismo, e isto tendo como consequência o perigo da academia retomar os princípios dogmáticos da filosofia e, sobretudo o misticismo religioso. Do outro lado, também se opunha a visão determinista e mecanicista do experimentalismo e da suposta objetividade científica. Tanto o caminho metafísico quanto o experimentalismo seriam na visão de Hook, “falta de coragem, irresponsabilidade e fuga da realidade e de suas demandas morais”²⁸.

A sua concepção de conhecimento, não se encerra no debate epistemológico, ela tem implicações político e moral. Em virtude disso, o método da inteligência o levou a uma entusiasmada defesa da democracia. Na condição de pragmatista e discípulo de Dewey, Hook enfatizou o papel da criatividade humana e da imprevisibilidade histórica. Diferentemente dos materialistas históricos ortodoxos ele não compartilhava da ideia de uma história integralmente determinada ou previsível. Portanto, o seu marxismo pragmático apontou desafios tanto para o materialismo histórico dialético dos socialdemocratas quanto para os comunistas.

O conceito de democracia de Hook é amplo e segue a mesma direção de Dewey. Ele defende que uma sociedade democrática é aquela em que o governo se subordina ao livre consentimento dos governados. A crença no consentimento livre envolve aposta da responsabilidade e na racionalidade dos cidadãos. Portanto, os membros da comunidade democrática precisam ser educados, informados e ativos. Um valor fundamental para a concretização da vida democrática é a liberdade de expressão, está será uma cláusula pétrea cuja materialização se faz com a proteção contra qualquer forma de coerção direta ou indireta. A ideia de consentimento livre e democrático possibilitaria a existência e formaria as *comunidades de investigadores* – conceito dos pragmatistas clássicos Peirce e Dewey aplicados ao modo de vida democrática, isto porque resulta da discussão entre indivíduos, dos consensos construídos que tem por fim as soluções para os problemas comuns partilhados.

Considerações finais

Sidney Hook e Dewey partilham da mesma ideia sobre a democracia enquanto valor que só será real em mundo onde o cidadão possa pensar livremente, uma vez que o pensamento único prenderia o indivíduo à ignorância e a inaptidão crítica. Hook sustentava como muita veemência que a chave desta mentalidade livre é conquistada por uma educação do pensamento.

Sidney Hook, não obteve o devido reconhecimento intelectual face às problemáticas políticas em que se envolveu, inclusive, quando deixou o marxismo na idade madura e não conseguiu da crítica uma sensibilidade a respeito das ideias que defendia. A luta contra a intolerância política, o autoritarismo tanto de direita quanto de esquerda, criaram uma cortina de fumaça sobre a profundidade de sua obra.

A despeito destes obstáculos este autor foi continuador do legado de Dewey e protagonista de um vocabulário filosófico adotado por neopragmatista como Rorty. A rejeição ao representacionismo e à filosofia apriorística deu lugar às noções contingentes de uma filosofia social e política na perspectiva de vida democrática, a

²⁸ MENDONÇA e REIS. **Pragmatismo, marxismo e democracia**. Brasília – DF. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 17, maio – agosto de 2015, p 253, p 257.

defesa do indivíduo sem levar ao individualismo; a convicção de que o indivíduo tem um valor intrínseco; a defesa da diferença como traço da vida democrática e o método da inteligência para a resolução de problemas são teses de sua obra que merecem a devida atenção nos dias atuais e o caracterizam como continuador do pragmatismo deweyano.

* * *

Referências:

BAGGER, Mathew. C. **Dewey's bulldog**: Sidney Hook, pragmatism, and naturalism. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 79, n. 3, 2001.

DEWEY, John. **Experience and Nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

ELDRIDGE, Michael. **Dewey's bulldog and the eclipse of pragmatism**. In: COTTER, M. J. (org.). *Sidney Hook reconsidered*. New York: Prometheus Books. (2004).

HOOKE, Sidney. **Pragmatism and the tragic sense of life**, in: TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). *Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom*. New York: Prometheus Books., 2002 [1960]. pp. 84-5

_____. **Human rights and social justice**, em TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). *Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom*. New York: Prometheus Books. 2002 [1975].

_____. **Conflicts in ways of belief**, In: TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). *Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom*. New York: Prometheus Books 2002 [1940]

KOHL, Marvin. Right to life and the use of violence. In: COTTER, M. J. (org.). **Sidney Hook reconsidered**. New York: Prometheus Books, 2004.

MENDONÇA e REIS. **Pragmatismo, marxismo e democracia**. Brasília – DF. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 17, maio – agosto de 2015.

NASCIMENTO, Edna M. M do. **Dewey e Rorty**: da metafísica empírica à metafísica da cultura. Teresina: EDUFPI, 2014.

RORTY, Richard. **El Pragmatismo una Versión**: antiautoritarismo en epistemología y ética. Barcelona, Ariel Filosofía, 2000.

TALISSE, Robert B. & TEMPPIO, Robert. "Editors' Introduction", em TALISSE, R. & TEMPPIO, R. (orgs.). **Sidney Hook on pragmatism, democracy and freedom**. New York: Prometheus Books. 2002.